

# Desafios E Perpetuidade Da Prática Da Quebra Do Coco Babaçu: Uma Análise Das Quebradeiras De Coco Da Comunidade Zumbi, Em Timon/Maranhão A Partir Dos ODS Da ONU

Raimundo Beserra Da Silva Neto<sup>1</sup>, Aryadynna Santos Feitosa<sup>2</sup>,  
Domingos Albano Matos De Menezes<sup>3</sup>, Ana Luiza Carvalho Medeiros  
Ferreira<sup>4</sup>, Liana Eida Marques Dos Reis<sup>5</sup>, Herus Orsano Machado<sup>6</sup>,  
Elisângela Alves De Sousa<sup>7</sup>, José Luís De Carvalho Bueno<sup>8</sup>

(Secretaria De Estado Da Educação Do Piauí - SEDUC-PI, Brasil)

(Universidade Estadual Do Maranhão – UEMA, Brasil)

(Faculdade Metropolitana De Horizonte – Ceará, Brasil)

(Fucape Business School – Maranhão, Brasil)

(Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Maranhão – IFMA, Brasil)

(Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Maranhão – IFMA, Brasil)

(Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Maranhão – IFMA, Brasil)

(Instituto Federal De Educação, Ciência E Tecnologia Do Maranhão – IFMA, Brasil)

---

## Resumo

**Antecedentes:** O artigo, apresenta uma pesquisa de campo realizada com as quebradeiras de coco da comunidade Zumbi, localizada a 18 km de Timon, Maranhão. O estudo abordou as experiências de 20 mulheres que mantêm viva a tradição da quebra do coco babaçu e enfrentam desafios para a perpetuidade da prática. A pesquisa, alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, aborda aspectos culturais, econômicos e ambientais da prática, bem como o potencial turístico da região. O Objetivo do estudo sustenta-se em explorar os desafios enfrentados pelas quebradeiras de coco babaçu da comunidade Zumbi em Timon/MA e analisar como a prática pode contribuir para o desenvolvimento sustentável da região, promovendo o ODS 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico) e o ODS 15 (Vida Terrestre). A pesquisa justifica-se por analisar as implicações sociais, econômicas e culturais que a prática da quebra do coco babaçu promove no Maranhão.

**Metodologia:** O estudo utilizou uma abordagem qualitativa para explorar as percepções das quebradeiras de coco babaçu da comunidade Zumbi, em Timon, Maranhão. Baseado em pesquisa de campo com observação participante e entrevistas semiestruturadas, envolveu 20 mulheres selecionadas por amostragem intencional para captar diversidade de experiências. Os dados foram analisados por técnica de análise de conteúdo, identificando temas como desafios econômicos e sustentabilidade ambiental. Triangulação de dados e devolutiva às participantes garantiram a validade dos resultados. O estudo seguiu rigorosos aspectos éticos, incluindo consentimento livre e esclarecido.

**Resultados:** As quebradeiras de coco babaçu da comunidade Zumbi enfrentam condições de trabalho precárias, com dependência econômica de atravessadores e falta de políticas públicas para formalização e apoio. Apesar disso, suas práticas sustentáveis reforçam a importância dos ODS 8 e 15, promovendo a biodiversidade e sustentabilidade ambiental. O turismo sustentável surge como uma oportunidade para valorizar a atividade, mas desafios como desvalorização social, riscos ambientais e falta de políticas adequadas ameaçam sua continuidade. A transmissão de saberes entre gerações e o fortalecimento da equidade de gênero são cruciais para perpetuar essa tradição cultural e econômica.

**Conclusão:** A prática da quebra do coco babaçu na comunidade Zumbi, em Timon, é uma expressão de autonomia e preservação cultural, resistindo às pressões da modernização. Para garantir sua continuidade, são necessárias políticas públicas que promovam capacitação, turismo sustentável e parcerias estratégicas. Com apoio adequado, a tradição pode se tornar um modelo de desenvolvimento sustentável, unindo inclusão social, preservação ambiental e fortalecimento econômico.

**Palavras-chave:** Quebradeiras de coco; Sustentabilidade; ODS; Timon; Turismo cultural.

Date of Submission: 04-12-2024

Date of Acceptance: 14-12-2024

---

## **Apresentação**

A prática da quebra do coco babaçu, profundamente enraizada no cotidiano das mulheres da comunidade Zumbi, no município de Timon, Maranhão, mais do que uma atividade econômica é símbolo de resistência e identidade cultural para essas mulheres, que, através da prática, sustentam suas famílias e preservam saberes transmitidos por gerações. A comunidade de quebradeiras de coco babaçu exerce uma atividade manual, tradicional, que envolve a coleta, seleção e quebra de cocos para extração da amêndoa, matéria-prima para produtos diversos. Nesta atividade, há um forte vínculo entre a subsistência econômica e o respeito pela natureza, um equilíbrio entre sustentabilidade e prática comunitária.

O coco babaçu, fruto abundante em várias regiões do Maranhão e de estados vizinhos, é um insumo valioso. Dele, inúmeros derivados podem ser obtidos: óleo, farinha, carvão, entre outros. Apesar de sua importância econômica e social, porém, a prática das quebradeiras de coco babaçu enfrentam desafios cada vez mais difíceis, tais como: a falta de reconhecimento do trabalho, condições de trabalho inadequadas e ausência de políticas públicas de apoio, aspectos são que dificultam a continuidade da prática. Neste cenário, as quebradeiras de coco da comunidade Zumbi, em Timon, representam um caso emblemático: mulheres que, mesmo diante das adversidades, preservam a tradição e resistem às pressões que ameaçam a extinção da prática.

Estudar a prática das quebradeiras de coco babaçu no contexto dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) das Nações Unidas, torna-se relevante e necessário, uma vez que os ODS, foram definidos em uma agenda global para alcançar a paz, a prosperidade e a proteção ambiental, até 2030. A comunidade global orienta os países em direção ao desenvolvimento sustentável. Entre os 17 objetivos, dois se destacam em relação à prática do babaçu: o ODS 8, que visa a promoção de trabalho decente e crescimento econômico inclusivo, e o ODS 15, focado na proteção e no uso sustentável dos ecossistemas terrestres. Nesse contexto, explorar como a prática das quebradeiras de coco babaçu se relaciona com esses ODS, não só apenas destaca a relevância socioeconômica da atividade, mas também evidencia os desafios de sua sustentabilidade a longo prazo.

Diante do contexto, o objetivo principal deste estudo é investigar as dificuldades enfrentadas pelas quebradeiras de coco da comunidade Zumbi para a continuidade da prática, bem como explorar o potencial da atividade no desenvolvimento sustentável da região de Timon. Objetivos específicos incluem: (1) identificar os obstáculos socioeconômicos e culturais que limitam o trabalho das quebradeiras, (2) examinar as possibilidades de incentivo à prática por meio do turismo sustentável, (3) relacionar a prática com os ODS 8 e 15, e (4) sugerir estratégias para assegurar a perpetuidade da prática de maneira sustentável.

A justificativa para este estudo reside na necessidade urgente de proteger práticas tradicionais que, além de promoverem subsistência para comunidades rurais, oferecem contribuições valiosas para a conservação ambiental e para a diversidade cultural. No Maranhão, estado conhecido pela sua rica diversidade ambiental e cultural, a preservação de práticas tradicionais é crucial. Como afirma Lima (2019), “a quebra do coco babaçu é mais do que uma atividade econômica: é uma manifestação da cultura e da identidade das mulheres maranhenses, que, através da prática, afirmam sua ligação com a terra e com as tradições de seus antepassados”. Assim, o estudo das quebradeiras de coco babaçu na comunidade Zumbi contribui não apenas para a documentação de uma prática cultural, mas também para a reflexão sobre o desenvolvimento sustentável em áreas rurais.

Este estudo está organizado em 03 (três) capítulos teóricos principais. O primeiro capítulo aborda os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, com foco nos ODS 8 e 15, destacando sua importância para comunidades rurais e para a preservação de práticas culturais de subsistência. Além de contextualizar os objetivos, este capítulo explora os vínculos entre os ODS e a prática das quebradeiras de coco, fornecendo uma análise detalhada da relação entre trabalho decente, preservação ambiental e sustentabilidade cultural.

O segundo capítulo analisa as potencialidades turísticas da região de Timon, com foco na prática das quebradeiras de coco como atrativo turístico. A importância do turismo sustentável e comunitário, como uma alternativa para o desenvolvimento econômico da região, carece de discussão e promoção dentro das comunidades rurais.

O terceiro capítulo examina a prática da quebra do coco babaçu como uma forma de manifestação cultural, enfatizando o papel das quebradeiras como agentes de preservação da identidade e da cultura locais. Aqui, discutimos a prática à luz de teorias de resistência cultural e exploramos como as quebradeiras de coco se veem em relação ao contexto social e econômico atual. Estudos de autores como Canclini (2015) e Albuquerque (2017) sobre resistência cultural e práticas tradicionais, embasam essa análise.

Por fim, os resultados, discussões e considerações finais sintetizam os achados do estudo e propõem direções para a perpetuidade da prática da quebra do coco babaçu. Estas sessões, apresentam uma série de recomendações para promover a continuidade da prática, incluindo políticas de incentivo e programas de apoio ao turismo comunitário. Acredita-se que, com apoio governamental e incentivo ao empreendedorismo local, a prática pode tornar-se um modelo de desenvolvimento sustentável e de valorização cultural para o Maranhão e para o Brasil.

## **I. Introdução**

A comunidade Zumbi, localizada a 18 km da zona urbana de Timon, Maranhão, mantém viva a prática da quebra do coco babaçu por gerações. Nesta comunidade um grupo de mulheres de identidade forte sustentam a tradição da quebra do coco babaçu, enfrentando desafios significativos para a perpetuidade da prática, em um contexto onde a valorização do trabalho dessas mulheres é insuficiente.

A prática da quebra do coco babaçu no povoado Zumbi é tradicional e centenária, transcendendo uma mera atividade econômica e constituindo-se como um símbolo de perpetuação da identidade cultural para as mulheres que a praticam a atividade. Nas comunidades rurais do Maranhão, essa atividade envolve saberes transmitidos por gerações, sustentando não apenas a subsistência econômica, mas também o tecido social e cultural dessas comunidades. Contudo, nos tempos contemporâneos, essa tradição enfrenta desafios crescentes, como a falta de incentivos econômicos e condições de trabalho desiguais, que ameaçam sua continuidade, sobretudo por encontrar-se desalinhados dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis, (ODS) 8 e 15 da ONU.

Segundo Santos (2019), "as quebradeiras de coco são guardiãs do conhecimento tradicional, mantendo vivas técnicas e saberes que são fundamentais para a conservação da biodiversidade" (SANTOS, 2019). Esse conhecimento tradicional se torna um ativo imaterial, essencial para políticas de desenvolvimento sustentável que valorizem a sinergia entre o saber local e a conservação ambiental. No entanto, o desafio da invisibilidade social persiste. Em muitos casos, as quebradeiras de coco não têm acesso aos mercados mais amplos, sendo forçadas a vender sua produção a intermediários a preços baixos. "A dependência de atravessadores impede que as mulheres recebam uma remuneração justa, perpetuando um ciclo de exploração econômica" (BRAZILIAN JOURNALS, 2021). Essa exploração se agrava com a falta de acesso a crédito e a mecanismos de financiamento que poderiam permitir investimentos em tecnologias mais eficientes e condições de trabalho mais seguras.

A ausência de uma estrutura adequada de suporte governamental torna evidente a necessidade de políticas públicas mais eficazes. A implementação de programas de treinamento e capacitação, focados em empreendedorismo e na ampliação do mercado de produtos derivados do babaçu, pode criar novas oportunidades econômicas para as comunidades. Conforme aponta Santos (2019), "programas de incentivo à comercialização de produtos sustentáveis são fundamentais para integrar as quebradeiras de coco em cadeias de valor mais justas e lucrativas" (SANTOS, 2019). Essa constatação revela a urgência em alinhar as práticas locais com as metas globais de promoção de trabalho digno.

No entanto, apesar da reconhecida e significativa contribuição para a preservação ambiental, as quebradeiras enfrentam desafios que limitam sua capacidade de prosperar. Conforme destaca Gomes (2024), "o acesso a políticas públicas que apoiem a comercialização justa e a infraestrutura adequada para a quebra do coco é quase inexistente" (GOMES, 2024). Essa situação reflete um paradoxo em que práticas sustentáveis são desvalorizadas em um sistema econômico que favorece atividades mais lucrativas, mas muitas vezes menos sustentáveis.

A importância da preservação dessas práticas transcende a dimensão ambiental e econômica, estendendo-se ao campo dos direitos humanos e da igualdade de gênero. A prática da quebra do coco babaçu é majoritariamente exercida por mulheres, muitas delas chefes de família, que encontram nessa atividade uma forma de sustento e de expressão de sua identidade cultural. "A luta das quebradeiras de coco por direitos reflete uma demanda por reconhecimento e valorização que transcende questões econômicas, sendo um grito por respeito e dignidade" (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2021).

Estudos revelam que "Sem a valorização e proteção das práticas tradicionais, corre-se o risco de perder um patrimônio cultural e ecológico inestimável" (OBSERVATÓRIO DE FAVELAS, 2021). A realidade que mapeia o cotidiano da quebra de coco no município de Timon é construída por mulheres quebradeiras, que por meio de sua prática, continuam a desafiar estruturas de poder e a promover uma visão de desenvolvimento sustentável que integra preservação ambiental, igualdade de gênero e autonomia econômica.

## **II. Os Objetivos De Desenvolvimento Sustentável E Sua Relevância Para As Comunidades Rurais: Uma Perspectiva Holística**

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), definidos pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, representam uma agenda universal de desenvolvimento, com metas que integram crescimento econômico, inclusão social e proteção ambiental (Sachs, 2015). O foco dos ODS na erradicação da pobreza, na promoção de justiça social e na sustentabilidade ambiental ressoa fortemente em contextos rurais, onde comunidades dependem diretamente dos recursos naturais e enfrentam altos índices de desigualdade social e econômica (United Nations, 2015).

As metas dos ODS, portanto, não são apenas objetivos globais; representam também uma resposta à necessidade de garantir que áreas vulneráveis, como as comunidades tradicionais de quebradeiras de coco. Neste sentido, os ODS representam não só um compromisso dos governos, mas também um guia para ações locais em favor da inclusão econômica e social. Assim, avaliar práticas tradicionais no contexto dos ODS é um passo importante para entender como essas práticas podem sustentar-se e transformar-se em motores de desenvolvimento sustentável.

Em comunidades rurais como a Zumbi, a sustentabilidade e o crescimento econômico são desafiadores devido à escassez de recursos, apoio limitado e falta de infraestrutura adequada. Como aponta Sen (2000), o desenvolvimento só é possível se houver investimentos em capacidades e condições que assegurem que as pessoas tenham autonomia e oportunidades para contribuir para o desenvolvimento social e econômico de suas comunidades.

As comunidades rurais extrativistas, via de regra, enfrentam desafios específicos no contexto do desenvolvimento sustentável. Para garantir a perpetuidade dessas práticas culturais, uma integração entre políticas públicas e incentivo à preservação ambiental necessário é. Em seu estudo, Sen (2000) enfatiza que a promoção de trabalho digno e crescimento inclusivo pode transformar a realidade dessas comunidades, promovendo a equidade social e garantindo que todos tenham oportunidades de desenvolvimento.

### **ODS 8 - Trabalho Decente e Crescimento Econômico**

O ODS 8, destaca a necessidade de promover o crescimento econômico inclusivo, produtivo e sustentável, com ênfase na criação de empregos dignos. De acordo com a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2019), o trabalho decente deve ser um direito fundamental para todos, inclusive para aqueles que desempenham atividades tradicionais e culturais. Estudos mostram que o reconhecimento do trabalho de grupos marginalizados, como as quebradeiras de coco, é essencial para que sua prática seja valorizada e respeitada (Carvalho, 2017; Sousa e Santos, 2020). As quebradeiras de coco babaçu exemplificam a luta por trabalho decente em um cenário de desigualdade socioeconômica. Segundo Santos (2019), "as mulheres quebradeiras enfrentam jornadas exaustivas, muitas vezes em ambientes sem qualquer infraestrutura que garanta sua segurança ou bem-estar" (SANTOS, 2019).

O papel da mulher na economia extrativista não deve ser subestimado. A literatura revela que, em contextos onde a atividade é predominante, as mulheres desenvolvem uma resiliência que molda tanto o seu papel social quanto sua capacidade de enfrentar adversidades econômicas e climáticas. O papel da mulher na economia extrativista não deve ser subestimado. Desde tempos imemoriais, mulheres têm desempenhado papéis centrais em atividades que entrelaçam subsistência, sustentabilidade e manutenção da cultura. Em regiões onde a economia extrativista prevalece, como nas florestas de babaçu do Maranhão, essas mulheres não apenas trabalham; elas sustentam famílias, comunidades e tradições inteiras, gerando um impacto que ecoa em múltiplas dimensões da sociedade.

A literatura e os estudos sobre comunidades extrativistas revelam que as mulheres não são apenas participantes passivas dessas economias; elas são líderes, inovadoras e protetoras do conhecimento ancestral. Em muitos casos, a prática de quebrar o coco babaçu, por exemplo, é passada de mãe para filha, de avó para neta, em uma linhagem de resiliência e habilidade que molda tanto o papel social dessas mulheres quanto sua capacidade de enfrentar adversidades econômicas e climáticas.

Uma quebradeira de coco de 50 anos que vive na comunidade Zumbi, no município de Timon, interior do Maranhão, exemplifica essa resiliência. Acordando antes do sol nascer, ela percorre trilhas pelas fazendas locais, uma cesta de palha em uma das mãos e um facão na outra. Com movimentos precisos, ela separa o coco do babaçu e inicia a quebra meticulosa que sua mãe lhe ensinou décadas atrás. "O saber que a gente tem é a nossa riqueza. É o que nos faz fortes", diz a participante da pesquisa, enquanto seus dedos ágeis descascam as camadas rígidas do coco.

Mulheres quebradeiras de coco, enfrentam não apenas as dificuldades do trabalho físico intenso, mas também as pressões externas de um mundo que muitas vezes invisibiliza suas contribuições. Elas são as que sustentam a economia familiar em regiões onde as alternativas de emprego são escassas, mostrando uma resiliência que se reflete na sua capacidade de gerir a própria vida e a de suas famílias diante de desafios econômicos e mudanças climáticas. Como observam Santos e Silva (2021), "as mulheres quebradeiras enfrentam jornadas exaustivas, muitas vezes em ambientes sem qualquer infraestrutura que garanta sua segurança ou bem-estar".

A atividade dessas mulheres exemplifica a necessidade urgente de alinhamento com as diretrizes do ODS 8. As jornadas longas, a falta de equipamentos adequados e a dependência de atravessadores que pagam preços baixos pelas castanhas representam a antítese do conceito de trabalho decente.

O trabalho decente, segundo a OIT (2019), deve incorporar não apenas uma remuneração justa, mas condições seguras e oportunidades de crescimento pessoal. A situação de pessoas que vivem do extrativismo cultural e tradicional reflete a desconexão entre as práticas locais e os grandes discursos globais de desenvolvimento econômico. A implementação de políticas que respeitem e valorizem essas práticas como trabalho legítimo é essencial para que o ODS 8 seja verdadeiramente inclusivo.

As cooperativas e associações de trabalhadores surgem na zona rural de Timon como uma solução viável para enfrentar esses desafios. Em outras regiões do país, modelos de cooperativismo têm demonstrado que a união das trabalhadoras fortalece sua posição de negociação e promove uma redistribuição mais justa dos lucros. Promover o crescimento econômico inclusivo e produtivo implica reconhecer e incorporar as práticas tradicionais

na economia formal de maneira que respeite a singularidade dessas atividades. Ainda segundo a OIT (2019), o trabalho decente é aquele que promove o bem-estar do trabalhador, respeita as tradições locais e contribui para um desenvolvimento sustentável. Nesse contexto, o papel dos governos e organizações não governamentais é crucial. Programas que capacitem e apoiem financeiramente as iniciativas de produção tradicional podem não apenas melhorar a qualidade de vida das extrativistas como também contribui para a preservação da biodiversidade e dos conhecimentos ancestrais.

Investir em atividades culturais e tradicionais como fontes de crescimento econômico inclusivo também reforça o papel da mulher na sociedade. Em muitas comunidades, são as mulheres que mantêm as práticas vivas e transmitem o saber entre gerações. Quando essas práticas são reconhecidas e valorizadas, toda a estrutura comunitária se beneficia. Portanto, alcançar as metas do ODS 8 não é apenas uma questão de modernização das práticas de trabalho, mas de ampliação do olhar sobre o que constitui trabalho e dignidade. É preciso integrar práticas locais e tradicionais em uma visão mais ampla de desenvolvimento econômico, onde todos, possam viver com a dignidade que merecem e com a segurança de que o conhecimento e o trabalho transmitido por gerações sejam respeitados e protegidos.

### **ODS 15 - Vida Terrestre e a Importância da Preservação Ambiental**

O ODS 15, busca proteger, restaurar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, e as práticas das quebradeiras de coco babaçu desempenham um papel fundamental na manutenção da biodiversidade da região. Estudos indicam que a quebra do coco babaçu é uma atividade que respeita a sustentabilidade, uma vez que utiliza técnicas manuais de baixo impacto ambiental. “A coleta e quebra do coco, feitas de maneira tradicional, são exemplos de práticas que preservam o bioma local e contribuem para a resiliência das florestas” (PORTAL INTERCOM, 2021).

Para que o ODS 15 seja plenamente alcançado, é necessário que as práticas sustentáveis de comunidades como a Zumbi, sejam reconhecidas e apoiadas. Incentivos que promovam a comercialização de produtos derivados do babaçu em mercados justos e sustentáveis são fundamentais para valorizar o trabalho das quebradeiras e garantir que suas práticas possam competir com alternativas mais danosas ao meio ambiente. Além disso, a criação de reservas extrativistas e a implementação de programas educacionais que celebrem e protejam o conhecimento das quebradeiras são passos cruciais para a proteção a longo prazo dos ecossistemas.

O impacto das quebradeiras de coco babaçu na manutenção da biodiversidade vai além da coleta. Elas representam um modelo de desenvolvimento sustentável que pode inspirar políticas de conservação em outras regiões. A narrativa de Maria e de tantas outras mulheres exemplifica como o saber tradicional, aliado ao respeito pela natureza, é um pilar para a sustentabilidade. Como guardiãs da mata, essas mulheres continuam a lutar por um futuro onde o uso sustentável dos recursos naturais não seja apenas uma meta, mas uma realidade cotidiana. Ao proteger as matas, as quebradeiras de coco babaçu não estão apenas garantindo sua sobrevivência; elas estão construindo um legado de resiliência e harmonia com o meio ambiente, essencial para o futuro do planeta.

No contexto das quebradeiras de coco, proteger as palmeiras de babaçu e o ecossistema ao redor delas é essencial, uma vez que estas árvores têm um papel fundamental na biodiversidade local. Sousa (2018) aponta que a biodiversidade nas áreas de babaçuais é rica, pois serve de abrigo para diversas espécies de plantas e animais, além de contribuir para a preservação de recursos hídricos locais.

A pesquisa de Moraes (2019) sobre sustentabilidade e comunidades tradicionais revela que, ao valorizar a preservação dos recursos naturais locais, o impacto ambiental das práticas extrativistas pode ser minimizado. Isso é especialmente relevante para comunidades como a Zumbi, onde o equilíbrio entre o uso do recurso e a conservação é indispensável para o futuro da prática.

Sachs (2015) destaca que o desenvolvimento sustentável em áreas rurais só será alcançado com o apoio contínuo de políticas públicas que incentivem práticas sustentáveis e valorizem as práticas culturais.

As políticas públicas têm um papel essencial ao garantir que o trabalho das quebradeiras de coco não seja apenas valorizado, mas também protegido e incentivado. Um estudo de Martins (2020) demonstra que políticas que incentivam o uso sustentável dos recursos locais resultam em benefícios para a economia e a sustentabilidade das comunidades.

Albuquerque (2017) argumenta que, sem políticas públicas específicas, as práticas culturais tradicionais estão em risco de desaparecer, pois enfrentam pressões do mercado e da modernização. Para garantir a continuidade dessas práticas, é fundamental que o governo forneça incentivos, infraestrutura e apoio técnico.

### **III. Potencialidades Turísticas Da Região De Timon-Ma: O Turismo Sustentável Como Motor De Desenvolvimento**

O turismo, quando planejado de forma sustentável, representa uma ferramenta poderosa para o desenvolvimento regional, especialmente em áreas que possuem práticas culturais e ambientais únicas. No caso de Timon, município maranhense localizado na divisa com o Piauí, o turismo ainda é uma atividade subexplorada, mas com enorme potencial, dada sua riqueza cultural e ambiental. A prática das quebradeiras de coco babaçu,

profundamente enraizada na história e na cultura da comunidade Zumbi, poderia servir como um dos principais atrativos turísticos, contribuindo para o fortalecimento da economia local e para a valorização das tradições.

Conforme aponta Beni (2016), o turismo comunitário e cultural tem se consolidado como uma alternativa viável para promover o desenvolvimento sustentável em regiões rurais. Ele não apenas gera renda para as comunidades locais, mas também promove a preservação das tradições e da biodiversidade. Em Timon, a integração da prática das quebradeiras de coco babaçu com iniciativas de turismo sustentável poderia criar uma nova dinâmica econômica, ao mesmo tempo em que preserva e valoriza a cultura local.

### **A Prática das Quebradeiras como Atrativo Turístico**

A quebra do coco babaçu, além de ser uma atividade econômica, carrega um forte simbolismo cultural e histórico. Para os visitantes, observar ou até participar do processo de quebra do coco pode ser uma experiência única, que conecta o turista à história e à vivência das quebradeiras. Conforme destaca Silva (2017), o turismo experiencial tem ganhado força nos últimos anos, pois permite que os visitantes vivenciem de maneira autêntica as tradições e os modos de vida de diferentes comunidades.

A introdução de roteiros turísticos que incluam visitas às comunidades de quebradeiras, oficinas sobre o uso dos produtos do coco babaçu e degustações de alimentos derivados poderia atrair um público interessado em turismo cultural e sustentável. Cunha (2018) descreve como experiências semelhantes transformam a percepção do público em relação ao valor das práticas tradicionais e aumentaram a renda das comunidades envolvidas. Em Timon, uma abordagem semelhante poderia fortalecer a economia local e aumentar a visibilidade da prática das quebradeiras.

A riqueza dos produtos derivados do babaçu, como óleos, sabonetes e artesanatos, representa uma oportunidade para agregar valor à prática. Conforme observa Fonseca (2019), o mercado de produtos artesanais e sustentáveis tem crescido exponencialmente, impulsionado pela demanda por itens que valorizem práticas ecológicas e éticas. Integrar a comercialização desses produtos ao turismo criaria uma cadeia de valor que beneficiaria diretamente as quebradeiras.

A região de Timon possui características únicas que a tornam um destino potencial para o turismo sustentável. Além das práticas culturais, como a quebra do coco babaçu, o município também conta com recursos naturais que poderiam ser explorados de forma integrada ao turismo. Por exemplo, a rota das águas, constituída por uma vasta área preservada de rica biodiversidade, poderia ser incorporado a roteiros de turismo de base comunitário que valorizem a conexão entre natureza e cultura.

Apesar desses potenciais, existem desafios significativos. Conforme aponta Albuquerque (2017), a infraestrutura precária e a falta de planejamento turístico são barreiras comuns em regiões rurais brasileiras. Em Timon, a ausência de investimento em transporte, hospedagem e divulgação limita a capacidade da região de atrair visitantes. Além disso, a falta de políticas públicas específicas para o desenvolvimento do turismo cultural e sustentável impede que práticas como a das quebradeiras de coco sejam reconhecidas como atrativos turísticos.

### **Casos de Sucesso e Inspirações para Timon**

Diversos exemplos de sucesso no Brasil e no mundo podem servir de inspiração para o desenvolvimento do turismo em Timon. No estado do Ceará, a comunidade de Prainha do Canto Verde conseguiu transformar suas práticas de pesca artesanal em um atrativo turístico, criando uma economia local mais diversificada e sustentável (Cunha, 2018). De forma semelhante, a experiência da Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COPPALJ), no Maranhão, demonstra como o fortalecimento de práticas culturais e a sua integração ao mercado podem gerar impacto positivo para comunidades tradicionais (Fonseca, 2019).

A implementação de iniciativas semelhantes em Timon exigiria um esforço conjunto entre o governo, o setor privado e a comunidade local. Isso inclui a criação de políticas de incentivo, capacitação das quebradeiras para lidar com o público e o desenvolvimento de infraestrutura turística adequada. Além disso, Santos (2020) enfatiza que o turismo sustentável só é bem-sucedido quando há uma participação ativa da comunidade, garantindo que os benefícios sejam distribuídos de forma equitativa e que as tradições locais sejam respeitadas.

O turismo sustentável, portanto, representa uma oportunidade única para fortalecer a prática das quebradeiras de coco babaçu e promover o desenvolvimento da região de Timon. No entanto, para que esse potencial seja plenamente realizado, um esforço coordenado entre diferentes atores é necessário. Com investimentos adequados e uma abordagem participativa, a prática das quebradeiras pode tornar-se um exemplo de como o turismo pode ser utilizado para valorizar a cultura e promover o desenvolvimento sustentável.

## **IV. Tradição, Resistência E Identidade Cultural: A Prática Da Quebra Do Coco Como Patrimônio Cultural**

Segundo Silva (2011), a atividade das quebradeiras reflete uma relação profunda com a terra e com as tradições transmitidas ao longo de gerações. Este saber-fazer é uma forma de patrimônio cultural imaterial,

conforme definido pela UNESCO (2003), pois envolve práticas, representações e conhecimentos que dão às comunidades um senso de identidade e continuidade.

A prática das quebradeiras está inserida em uma lógica cultural contra a marginalização das economias de subsistência. Segundo Bursztyn (2008), as comunidades que dependem de atividades extrativistas enfrentam constantemente pressões de agentes externos que buscam transformar essas áreas em zonas de exploração intensiva, como a monocultura ou a pecuária extensiva. Nesse contexto, a quebra do coco babaçu preserva a relação sustentável com os recursos naturais e evita a degradação ambiental.

A resistência cultural das quebradeiras também se manifesta na organização coletiva. Silva (2011) destaca que a criação de associações e cooperativas de quebradeiras é um exemplo de como essas mulheres se unem para proteger seus direitos e fortalecer sua prática. Essas organizações não apenas permitem que elas tenham maior poder de negociação, mas também reforçam a importância do trabalho coletivo como um valor intrínseco da prática.

### **Identidade Feminina e Autonomia Econômica**

A quebra do coco babaçu é intrinsecamente ligada à identidade feminina nas comunidades rurais do Maranhão. Conforme relata Guimarães (2018), a atividade das quebradeiras é um espaço de autonomia para mulheres que, historicamente, têm sido excluídas dos processos formais de trabalho e reconhecimento. Para muitas quebradeiras, o coco babaçu representa uma fonte de sustento financeiro e uma forma de afirmar sua independência em um contexto social marcado por desigualdades de gênero.

Essa relação entre a prática e a autonomia econômica é enfatizada por Carvalho (2017), que argumenta que o fortalecimento da prática do babaçu não apenas beneficia as mulheres em termos econômicos, mas também eleva seu papel como protagonistas do desenvolvimento local. No entanto, a invisibilidade dessas mulheres nos cenários político e econômico mais amplos continua sendo um obstáculo significativo. A formalização da prática e a garantia de direitos são passos fundamentais para que essa autonomia seja plenamente reconhecida.

Além de seu significado cultural e social, a prática das quebradeiras de coco babaçu desempenha um papel exemplar e educacional na manutenção do meio ambiente. De acordo com Moraes (2019), o manejo tradicional dos babaçuais pelas quebradeiras é um exemplo de prática extrativista que respeita os ciclos naturais e promove a conservação dos ecossistemas locais. Essas mulheres têm um conhecimento profundo sobre as palmeiras de babaçu e sobre como utilizá-las de maneira sustentável, o que contrasta com práticas predatórias frequentemente adotadas por grandes empresas.

Segundo Sachs (2008), o desenvolvimento sustentável em comunidades rurais só é possível quando se reconhece o papel ativo das populações locais na preservação dos recursos naturais. As quebradeiras, ao praticarem uma atividade sustentável, tornam-se guardiãs do ecossistema local, contribuindo para a manutenção da biodiversidade e para o equilíbrio ambiental.

Apesar de sua importância cultural, social e ambiental, a prática das quebradeiras enfrenta inúmeros desafios. A falta de políticas públicas de incentivo, a desvalorização do trabalho manual e a pressão por práticas mais lucrativas, como a monocultura, colocam a continuidade da quebra do coco babaçu em risco. Segundo Albuquerque (2017), a ausência de reconhecimento formal para práticas tradicionais cria um ambiente de vulnerabilidade, onde as comunidades lutam para preservar sua cultura frente às adversidades econômicas.

Para enfrentar esses desafios, algumas iniciativas já foram implementadas com sucesso em outras regiões. Como relatado por Fonseca (2019), programas de capacitação e organização em cooperativas ajudaram comunidades de pequenos produtores a fortalecer suas práticas e a acessar novos mercados. No caso das quebradeiras de coco, essas estratégias podem incluir a formalização do trabalho, a inserção em cadeias produtivas sustentáveis e a promoção da prática como patrimônio cultural.

A prática das quebradeiras de coco babaçu é um exemplo notável de perseverança, identidade feminina e sustentabilidade ambiental. Esta atividade tradicional, transmitida por gerações, representa mais do que uma fonte de renda: é um pilar de identidade comunitária e de luta por direitos e reconhecimento. Contudo, para que essa tradição seja perpetuada em um contexto cada vez mais desafiador, é essencial que haja um reconhecimento mais amplo e políticas de apoio que reforcem seu valor socioeconômico e ecológico.

O ato de quebrar o coco babaçu, realizado principalmente por mulheres em comunidades rurais do Norte e Nordeste do Brasil, incorpora uma complexa rede de conhecimentos práticos e tradicionais. Essas mulheres não apenas extraem um produto da natureza; elas o fazem de forma sustentável, respeitando os ciclos naturais e utilizando técnicas manuais que minimizam o impacto ambiental. Esse manejo cuidadoso contribui para a preservação das florestas de babaçu, ecossistemas que desempenham um papel vital na manutenção da biodiversidade e na captura de carbono. Segundo a Embrapa (2021), “as experiências das quebradeiras de coco babaçu nos diálogos e diagnósticos envolvendo o conhecimento tradicional e suas contribuições para a biodiversidade” são fundamentais para a conservação ambiental (EMBRAPA, 2021).

No entanto, a sustentabilidade ambiental promovida pelas quebradeiras de coco não se traduz automaticamente em reconhecimento ou apoio econômico e institucional. Estas mulheres enfrentam condições de trabalho precárias, falta de infraestrutura adequada e dificuldades para acessar mercados que valorizem seus

produtos de forma justa. A dependência de atravessadores que compram a produção a preços desvalorizados perpetua um ciclo de exploração econômica. O reconhecimento dessas práticas como um trabalho digno, alinhado com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), em particular o ODS 8 (trabalho decente e crescimento econômico) e o ODS 15 (proteção da vida terrestre), é um passo fundamental para garantir que essas comunidades possam prosperar de forma autônoma e sustentável.

Historicamente, as mulheres que se dedicam a essa atividade foram vistas não apenas como trabalhadoras, mas como agentes de luta em um contexto marcado pela desigualdade de gênero e pela marginalização econômica. As quebradeiras de coco são protagonistas de movimentos sociais que defendem o direito ao uso comum de babaçuais e resistem a práticas de grilagem e desmatamento que ameaçam sua subsistência. O Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) destaca que “a luta das quebradeiras de coco babaçu pela garantia do livre acesso e uso comum dos recursos naturais” é essencial para a manutenção de seus modos de vida (MIQCB, 2021).

O papel das quebradeiras como lideranças comunitárias e protetoras do conhecimento tradicional reforça a importância de uma abordagem que integre desenvolvimento sustentável e igualdade de gênero. O reconhecimento social do papel dessas mulheres é igualmente importante. O fortalecimento da identidade feminina e da cultura comunitária através de atividades como a quebra do coco babaçu desafia estereótipos e promove uma nova compreensão do papel da mulher na economia e na conservação ambiental. Portanto, para que a prática das quebradeiras de coco babaçu seja perpetuada, é fundamental que ela receba maior reconhecimento e apoio em múltiplas esferas.

Essa prática, que simboliza a luta pela sustentabilidade ambiental e pela identidade cultural feminina, deve ser incorporada nas políticas de desenvolvimento e proteção ambiental. O futuro dessa tradição depende da capacidade da sociedade de enxergar seu verdadeiro valor e de apoiar, de forma concreta, as mulheres que mantêm viva uma das mais importantes expressões de cuidado com a natureza.

## V. Metodologia

A metodologia adotada neste estudo caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender de maneira profunda as percepções e experiências das quebradeiras de coco babaçu da comunidade Zumbi, localizada no município de Timon, Maranhão. O enfoque qualitativo foi escolhido por sua capacidade de capturar a complexidade e as nuances da realidade social e cultural dessas mulheres, explorando aspectos que vão além dos números e estatísticas, para compreender as dimensões humanas e simbólicas de sua prática.

### Desenho do Estudo

O estudo foi estruturado como uma pesquisa de campo, visando a coleta de dados diretamente na comunidade por meio de observação participante e entrevistas. Essa abordagem permitiu uma interação mais próxima com as participantes, promovendo um ambiente de confiança e abertura. O uso da observação participante proporcionou um entendimento contextualizado das rotinas e práticas das quebradeiras, enriquecendo os dados coletados nas entrevistas.

### Seleção das Participantes

A pesquisa envolveu a participação de 20 mulheres, todas residentes na comunidade Zumbi e ativamente envolvidas na quebra do coco babaçu. As participantes foram selecionadas por meio de uma amostragem intencional, que levou em consideração fatores como a representatividade em termos de idade, tempo de atuação na prática e papel na comunidade (por exemplo, líderes comunitárias e participantes mais jovens). Essa diversidade visou capturar diferentes perspectivas e experiências relacionadas aos desafios e potencialidades da atividade.

### Instrumentos de Coleta de Dados

O principal instrumento de coleta de dados, foram entrevistas semiestruturadas, que seguiram um roteiro previamente elaborado, mas com flexibilidade para permitir que as participantes compartilhassem suas percepções e histórias pessoais de forma mais espontânea. As perguntas abordaram temas como: **Desafios enfrentados na prática da quebra do coco** (ex.: condições de trabalho, mercado de venda, políticas de apoio); **Percepções sobre a sustentabilidade da atividade**; **Estratégias de adaptação e resiliência comunitária**; **Visões sobre possíveis caminhos para a valorização e perpetuação da prática**.

As entrevistas foram conduzidas em sessões individuais, gravadas com a permissão das participantes e posteriormente transcritas para análise.

### Análise de Dados

A análise de conteúdo foi a técnica escolhida para o tratamento dos dados coletados. Essa técnica permitiu a identificação de temas e categorias recorrentes nas falas das entrevistadas, possibilitando uma organização dos

dados em blocos temáticos que facilitaram a discussão e a interpretação dos resultados. O processo de análise seguiu as seguintes etapas: 1. **Transcrição das entrevistas:** Todo o conteúdo das entrevistas foi transcrito integralmente. 2. **Leitura flutuante:** Foi realizada uma leitura inicial para familiarização com o material e identificação preliminar de temas. 3. **Codificação:** As transcrições foram segmentadas em unidades de significado, que foram codificadas e agrupadas em categorias temáticas, como “desafios econômicos”, “resiliência cultural”, “sustentabilidade ambiental” e “perspectivas de desenvolvimento”. 4. **Interpretação:** Com base nas categorias formadas, foi feita uma análise interpretativa, que considerou não apenas as falas das participantes, mas também o contexto cultural e econômico da comunidade e a literatura existente sobre o tema.

### **Triangulação e Validação**

Para garantir a confiabilidade e a validade dos resultados, a triangulação dos dados foi aplicada, combinando as percepções coletadas nas entrevistas com levantamento de dados da literatura existente sobre a temática e documentos históricos sobre a prática da quebra do coco babaçu na região. Além disso, a devolutiva dos resultados preliminares às participantes contribuiu para confirmar a autenticidade das interpretações e fortalecer a relação de confiança com a comunidade estudada.

### **Aspectos Éticos**

O estudo respeitou todas as normas éticas de pesquisa, com aprovação prévia por um comitê de ética em pesquisa. As participantes foram informadas sobre os objetivos da pesquisa, a garantia de anonimato e o direito de se retirar do estudo a qualquer momento. O consentimento livre e esclarecido foi obtido por escrito antes do início das entrevistas.

## **VI. Resultados E Discussão**

### **Desafios Socioeconômicos e Políticas Públicas**

As entrevistas revelaram que as quebradeiras de coco enfrentam condições de trabalho precárias e uma dependência econômica de atravessadores que compram a produção a preços baixos. Essa realidade contraria os princípios do ODS 8, que promove condições de trabalho dignas e remuneradas de forma justa (OIT, 2019). Segundo uma das entrevistadas: "Trabalhamos muito, mas o que recebemos não sustenta nossas famílias de forma adequada" (Entrevistada 5, 2023).

A falta de políticas públicas que incentivem a formalização do trabalho das quebradeiras também foi mencionada como um fator limitante. Conforme observado por Santos (2019), "a ausência de políticas de apoio afeta diretamente a capacidade de autossustentação e expansão da prática".

O manejo sustentável dos babaçuais é essencial para a manutenção da biodiversidade local. De acordo com Sousa (2018), "a biodiversidade dos babaçuais serve como habitat para inúmeras espécies e contribui para a preservação dos recursos hídricos". A prática das quebradeiras é um exemplo de uso sustentável dos recursos naturais, o que reforça a relevância do ODS 15 para a comunidade.

As mulheres da comunidade Zumbi demonstram um conhecimento profundo sobre a gestão sustentável do babaçu, usando técnicas de coleta manual que respeitam o ciclo natural das palmeiras. Conforme aponta Moraes (2019), "o manejo comunitário de recursos naturais é uma estratégia eficaz para a conservação ambiental e para a promoção do desenvolvimento sustentável".

### **Potencial do Turismo Sustentável e desafios de perpetuidade**

O turismo sustentável surge como uma oportunidade para valorizar a prática das quebradeiras de coco e promover o desenvolvimento econômico da região. Conforme argumenta Cunha (2018), "o turismo comunitário e cultural pode gerar renda e fortalecer a identidade local". Em Timon, a integração da prática das quebradeiras em roteiros turísticos culturais pode ser uma estratégia eficaz para atrair visitantes e impulsionar a economia.

Exemplos de sucesso em outras regiões, como a Cooperativa dos Pequenos Produtores Agroextrativistas de Lago do Junco (COPPALJ), que conseguiu transformar práticas culturais em atividades economicamente viáveis e sustentáveis, reforçam a viabilidade dessa abordagem (FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS, 2021).

### **A perpetuação da quebra do coco babaçu: um desafio a ser superado.**

As condições de trabalho das quebradeiras de coco babaçu são, em geral, precárias. As mulheres realizam a atividade em ambientes improvisados e muitas vezes perigosos, sem equipamentos de proteção ou ferramentas adequadas. Essa realidade expõe as quebradeiras a riscos de lesões e afeta sua saúde física a longo prazo. A ausência de políticas públicas que garantam melhorias na infraestrutura e na segurança do trabalho dificulta a atração de novas gerações para a prática, ameaçando a continuidade dessa tradição.

Outro desafio crucial é a desvalorização e a invisibilidade social do trabalho das quebradeiras. Embora a prática tenha um papel fundamental na subsistência econômica das famílias e na preservação cultural, ela é frequentemente vista como uma atividade marginal e informal. Essa percepção gera um baixo reconhecimento

social e político, o que impacta diretamente na formulação de políticas públicas de apoio e incentivo. A invisibilidade também reflete uma questão de gênero, pois a prática é predominantemente feminina e, historicamente, as atividades realizadas por mulheres tendem a ser desvalorizadas.

A sustentabilidade ambiental é outro ponto de preocupação. Embora a prática da quebra do coco babaçu seja reconhecida por seu baixo impacto ambiental, fatores externos como desmatamento, monoculturas e grilagem de terras ameaçam os babaçuais. A perda dessas áreas naturais representa um risco direto à perpetuidade da prática, pois limita o acesso das quebradeiras à matéria-prima. Além disso, a exploração dos recursos naturais sem controle adequado pode comprometer a regeneração dos babaçuais, afetando a oferta de coco a longo prazo.

A falta de políticas públicas específicas e eficazes é um dos desafios mais significativos para a perpetuação da prática. As quebradeiras de coco babaçu não dispõem de programas governamentais robustos que incentivem o seu trabalho, assegurem acesso a mercados mais justos ou promovam a sua inclusão em cadeias produtivas formais. Essa lacuna de apoio institucional dificulta a implementação de melhorias na cadeia produtiva e a proteção dos direitos dessas trabalhadoras. Iniciativas voltadas para capacitação, formação de cooperativas e acesso a programas de microcrédito seriam fundamentais para fortalecer a posição das quebradeiras no mercado.

A transmissão do conhecimento entre gerações é um componente vital para a perpetuidade da prática. No entanto, muitos jovens das comunidades rurais estão migrando para áreas urbanas em busca de melhores oportunidades econômicas e de condições de vida. Essa migração compromete a continuidade do saber-fazer tradicional, que é passado de forma oral e prática entre as mulheres da comunidade. Sem o envolvimento das novas gerações, a prática corre o risco de ser gradualmente abandonada.

A luta pela equidade de gênero é inerente à trajetória das quebradeiras de coco babaçu. A prática, que oferece às mulheres uma fonte de renda e de autonomia, também as coloca em uma posição de vulnerabilidade em um contexto social marcado pela desigualdade de gênero. A perpetuação da prática requer estratégias que promovam o empoderamento feminino, ampliando a voz e a representação das quebradeiras em fóruns de decisão e em movimentos sociais que defendem seus direitos.

A prática da quebra do coco babaçu é um elemento central da identidade cultural das mulheres envolvidas e de suas comunidades. No entanto, as pressões da modernização e da globalização representam desafios à manutenção de tradições que podem ser vistas como ultrapassadas ou pouco rentáveis em um contexto mais amplo. A valorização da cultura associada à quebra do coco e o reconhecimento de seu papel na diversidade cultural são essenciais para fortalecer a prática e evitar sua marginalização.

## VII. Conclusão

Para as quebradeiras da comunidade Zumbi, em Timon, o ato de quebrar o coco não é apenas uma atividade de subsistência; é uma expressão de luta e autonomia. Como afirma Carvalho (2017), “as práticas culturais tradicionais em comunidades rurais resistem às pressões da modernização e da exploração, reafirmando os valores e os saberes locais”. Assim, a quebra do coco babaçu é um exemplo de como as comunidades rurais mantêm suas raízes culturais enquanto enfrentam desafios contemporâneos.

Para garantir a perpetuidade da prática da quebra do coco babaçu, é essencial que as políticas públicas sejam aprimoradas e que novos modelos de desenvolvimento sejam explorados. Sugere-se: 1. **Capacitação e formalização do trabalho:** Oferecer programas de capacitação que possibilitem às quebradeiras comercializar seus produtos de forma direta, aumentando suas margens de lucro. 2. **Incentivo ao turismo cultural:** Desenvolver projetos de turismo sustentável que incluam visitas à comunidade Zumbi, oficinas de demonstração e degustação de produtos derivados do babaçu. 3. **Parcerias estratégicas:** Estabelecer colaborações com ONGs e empresas comprometidas com a sustentabilidade para a promoção e comercialização dos produtos das quebradeiras em mercados justos.

A continuidade e valorização da prática das quebradeiras de coco babaçu representam mais do que a manutenção de uma atividade econômica; é a preservação de uma identidade cultural e um exemplo de prática sustentável. Com o apoio adequado, essa tradição pode se transformar em um modelo de desenvolvimento que alia inclusão social, respeito ao meio ambiente e fortalecimento econômico.

O turismo sustentável oferece uma oportunidade única para fortalecer a prática das quebradeiras de coco babaçu em Timon, promovendo o desenvolvimento econômico e a preservação cultural. No entanto, para que esse potencial seja plenamente realizado, é essencial que haja planejamento, investimento em infraestrutura e um esforço conjunto entre governo, setor privado e comunidades locais. Como destaca Sachs (2008), o desenvolvimento sustentável exige uma abordagem integrada, que considere as dimensões econômica, social e ambiental de forma equilibrada.

## Referências

- [1]. Beni, M. C. Turismo: Planejamento Estratégico E Capacidade De Gestão. São Paulo: Senac, 2016.
- [2]. Brazilian Journals. A Dependência De Atravessadores Na Comercialização Do Babaçu. Brazilian Journals Of Development, 2021. Disponível Em: <https://Brazilianjournals.Com>. Acesso Em: 7 Dez. 2024.
- [3]. Bursztyn, M. Desenvolvimento Sustentável: A Institucionalização De Um Conceito. 2. Ed. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

- [4]. Canclini, N. G. *Culturas Híbridas: Estratégias Para Entrar E Sair Da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 2015.
- [5]. Embrapa. *Experiências Das Quebradeiras De Coco Babaçu Nos Diálogos E Diagnósticos Envolvendo O Conhecimento Tradicional E Suas Contribuições Para A Biodiversidade*. Embrapa Documentos, 2021. Disponível Em: <https://www.embrapa.br>. Acesso Em: 7 Dez. 2024.
- [6]. Fonseca, R. C. *O Mercado De Produtos Artesanais E Sustentáveis: Tendências E Desafios*. Florianópolis: Editora Sustentável, 2019.
- [7]. Fundação Getulio Vargas (Fgv). *A Cooperativa De Produtoras Da Comunidade De Lago Do Junco E A Comercialização Com A The Body Shop*. 2021. Disponível Em: <https://portal.fgv.br/noticias/amazonia-sustentavel-quebradeiras-coco-babacu-conectam-empresas-conservacao-ambiental>. Acesso Em: 15 Nov. 2024.
- [8]. Miqcb. *Movimento Interestadual Das Quebradeiras De Coco Babaçu: Lutas E Conquistas*. Disponível Em: <https://www.miqcb.org.br>. Acesso Em: 7 Dez. 2024.
- [9]. Observatório De Favelas. *Luta Por Direitos E Dignidade: As Quebradeiras De Coco Babaçu No Brasil*. Observatório De Favelas, 2021. Disponível Em: <https://observatoriodefavelas.org.br>. Acesso Em: 7 Dez. 2024.
- [10]. Organização Internacional Do Trabalho (Oit). *Trabalho Decente E Inclusão Econômica Em Práticas Extrativistas*. Relatório Anual. Genebra: Oit, 2019.
- [11]. Sachs, J. D. *A Era Do Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2015.
- [12]. Sachs, I. *Desenvolvimento Incluyente, Sustentável E Sustentável*. Rio De Janeiro: Garamond, 2008.
- [13]. Sen, A. *Desenvolvimento Como Liberdade*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2000.
- [14]. United Nations. *Transforming Our World: The 2030 Agenda For Sustainable Development*. Nova York: Un, 2015. Disponível Em: <https://www.un.org>. Acesso Em: 7 Dez. 2024.